

# Ilusões e realidade

Rubem Azevedo Lima

O Congresso das ilusões perdidas. Esse talvez seja o melhor juízo que a opinião pública faça do atual Congresso, diante das críticas dirigidas ao Senado e à Câmara, por não terem ambos realizado, até maio último, a revisão constitucional prevista desde 1988 e considerada indispensável à governabilidade do País.

A última impressão de um acontecimento político geralmente é mais forte do que a de fatos anteriores. Por isso, o que se entende por fracasso da revisão constitucional faz com que a Legislatura pareça ter sido inútil e termine de modo melancólico.

Pouco importa que esse mesmo Congresso, em fim de mandato, tenha cassado um presidente da República, por atos de corrupção. Aliás, quando as investigações sobre o então presidente começaram, houve quem acusasse o Congresso de golpismo político. Mas, face às provas colhidas sobre a corrupção presidencial, os críticos mais afoitos tiveram de fazer mil piruetas para escapar ao ridículo suscitado por suas suspeitas.

Descobriu-se depois o envolvimento de congressistas com o tráfico de drogas, com a venda de mandatos e com os escândalos do Orçamento. Nesse caso, as investigações se arrastaram e logo se espalhou que elas acabariam em pizza. Apurou-se, porém, a responsabilidade de vários congressistas. Quatro deles renunciaram ao mandato, para escapar à condenação de seus pares. Houve punições, mas a desqualificação processual de alguns e a absolvição de outros foram vistas como sinais de corporativismo.

O processo de depuração interna do Legislativo certamente não foi perfeito nem completo. Mas, ainda assim, a atual legislatura, a 49a. da história do País, sacudiu, como diziam os velhos congressistas, a pasmaceira da cena política do Brasil. Com todos os defeitos que tem, este Congresso fez, em matéria de faxina institucional, o que nenhum dos outros 48 conseguiu

fazer.

Terá isso ajudado a fortalecer a democracia no Brasil? Certamente. Mas, em termos, digamos, tanto quanto a Segunda Guerra Mundial, apesar de seus erros, ajudou a conter o fascismo, o anti-semitismo, e o racismo, que se haviam propagado desde o começo do século. Nenhum desses males, porém, foi definitivamente aniquilado e todos devem, pois, continuar a ser enfrentados. Da mesma forma, o atual Congresso fez o que pôde pela democracia. O que vier, terá de fazer sua parte e, se possível, melhor ainda. A construção da democracia é um processo interminável. Depende de todas

as instituições e da vontade dos democratas.

Um Congresso vale pelo que faz de bom e pelo que evita de ruim. Veja-se o fracasso da revisão constitucional da óptica do resultado de recente eleição realizada no Clube Militar, organização geralmente afinada com as aspirações da

**Congresso  
que alija do  
poder um  
presidente  
e corta  
na própria  
carne  
não vive  
de ilusão.  
Vive a  
realidade**

sociedade brasileira. Queria-se que a revisão quebrasse o monopólio das empresas estatais estratégicas do País. Mais de 67% dos sócios daquele clube elegeram para presidi-lo o general João Consenza, cujo programa defendia, expressamente, a preservação desse monopólio. Portanto, o fracasso da revisão, em boa parte fruto da resistência da maioria parlamentar silenciosa, impediu o êxito das pressões pela quebra do monopólio em questão. Assim, em vez das ilusões perdidas, este Congresso pode ter sido o de uma grande realidade salva.

■ Rubem Azevedo Lima é jornalista